

“Preconceito ‘de cor’” – um asqueroso caso de racismo em nossa imprensa (1887-1928)

Isabella Vieira da Silva¹

Thor Correa Neto²

Orientador: Alexandre Medeiros³

(Co)orientador: Everaldo Rodrigues Morais⁴

Resumo: O artigo apresenta um conto profundamente racista, que foi reproduzido na imprensa brasileira por quarenta anos (1887-1928). A partir desse caso, discute aspectos do que deva ser uma educação antirracista na atualidade.

Palavras Chave: racismo. imprensa brasileira. educação. antirracismo

Abstract: The article presents a deeply racist short story that was reproduced in the Brazilian press for forty years (1887-1928). Based on this case, it discusses aspects of what should constitute an antiracist education today.

Keywords: racism. Brazilian Press. education. antirracism.

Introdução

Nosso interesse nessa pesquisa surgiu por não tolerarmos mais a invisibilidade do negro na sociedade, a falta de dignidade, o aumento do racismo nos últimos anos, com o preconceito que parecia estar sendo erradicado, voltando ainda mais forte, juntamente com a perpetuação da desigualdade. É sabido que a mulher neste esquema colonial (não sendo nem branca nem homem), sofre uma dupla ausência, que a torna absolutamente inexistente (FANON, 2020, p. 16).

Não necessitamos de grandes pesquisas, para perceber que no Brasil os excluídos e desamparados, os que mais estão em desvantagem econômica, são os descendentes dos nativos (índios) e dos afrodescendentes (escravos). Ao olharmos para a população carcerária, podemos notar que aproximadamente 60% são afrodescendentes [...] Entre os que mais sofrem com o desemprego em nosso país são negros e pardos (ou seja, descendentes dos índios e dos escravos). De acordo com o IBGE, o desemprego entre negros é 71% maior do que entre a população branca, brancos ganham 68% a mais do que os negros. A taxa de desocupação da população parda ou preta é historicamente maior do que a de brancos, mas a diferença chegou a um recorde no segundo trimestre [de 2020], informou [...] o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (SANTOS; MEDEIROS, 2024, p. 15).

¹. Aluna do 3º. ano do Ensino Médio do Centro de Estudos Júlio Verne – www.julioverne.com.br

². Aluno do 3º. ano do Ensino Médio do Centro de Estudos Júlio Verne.

³. Pós – Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo – FEUSP. Diretor Acadêmico do Centro de Estudos Júlio Verne.

⁴. Pós – Graduado em Metodologia de Ensino de Geografia. Licenciado em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Professor do Centro de Estudos Júlio Verne.

Para a elaboração deste estudo, contamos com uma valiosa ferramenta de pesquisa: o banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira, no início do século XIX. Em cada citação, indicamos o órgão de imprensa, a data de publicação e o Estado da federação do qual ela procede.

Com a realidade da escravização onipresente, “preconceito racial” é tema raro na BN do séc. XIX. A própria expressão “preconceito racial” só surgirá no séc. XX, e nas últimas décadas do séc. XIX aparecem na BN duas formas que lhe são sinônimas: “preconceito de cor” e “preconceito de raça”. Ambas raríssimas na BN: suas incidências somadas, dão em média 1 ou 2 aparições por ano entre 1870 e 1900 (ainda assim, por vezes, em traduções de artigos estrangeiros ou referindo-se aos Estados Unidos)!

Isto porque, com o racismo profundamente arraigado por séculos, não se falava (e nem se pensava) em “preconceito” e parecia natural fazer piadas e historietas zombeteiras sobre o negro, considerado como sendo de raça inferior.

Um asqueroso caso de racismo.

Um dos mais repulsivos desses casos – “A lenda da criação do Preto” – infestou nossa imprensa por mais de 40 anos: de 1887 a 1928.

Como muito do que se publicava em nossos jornais no séc. XIX, essa “lenda” foi copiada de jornal estrangeiro, no caso, de “O Economista” de Lisboa, de 26-04-1887⁵:

Como foi creado o preto – Uma obra de Satanaz

É muito original e bastante interessante a lenda que corre na America entre os negros, relativamente à sua origem, e que uma folha da noite hoje conta.

[o jornal insidiosamente afirma que os próprios negros assumem esse repulsivo conto]

No tempo da criação do mundo, Satanaz, vendo o Padre Eterno crear Adão de um pedaço de barro, quiz tambem fazer o mesmo.

Pegou num pedaço de argila, deu-lhe as mesmas voltas que vira dar-lhe Deus, e depois insuflou-lhe a vida num sopro.

Mas com grande espanto e com grande raiva sua, esse bocado de barro, como tudo o mais que elle tocava ficou preto.

Alli ao pé corria limpido e transparente, o branco rio Jordão. Satanaz teve uma idéa: lavar o seu homem para lhe tirar a negrura. E pegou n’elle pela cintura, como se pega num cachorro, e mergulhou-o no rio. Mas as aguas do Jordão affastaram-se immediatamente, enojadas com aquella negrura, e o homem de Satanaz, o primeiro negro, apenas mergulhou os pés e as mãos no lodo. E por isso só as palmas das mãos e dos pés ficaram brancas.

Furioso com o seu desastre, Satanaz perdeu a cabeça e pespegou um famoso murro na cara do seu negro, um murro que lhe achatou o nariz e lhe fez inchar os labios. O desgraçado preto pediu misericordia, e Satanaz, passado o primeiro momento de furia, vendo que no fim de contas o negro não tinha nenhuma culpa de ser assim, teve dó d’elle, arrependeu-se de repente do seu genio e acariciou-o, passando- lhe a mão pela cabeça. Mas a mão do diabo queima tudo em que toca:

⁵.BN, <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=891029&pasta=ano%20188&pesq=%22Satanaz%22&pagfis=6905>

crestou o cabelo do negro como se os seus dedos fossem ferros de frisar. E foi d'ahi que o preto ficou com carapinha.

Copiando deste ou de algum outro jornal, no mês seguinte o “Diario de Noticias” (PA, 08-05-1887)⁶ reproduz a “Lenda”, mais de um ano antes da Abolição da escravatura...

Na mesma linha o Correio da Manhã de Lisboa (Portugal)⁷ e o Jornal A Nação (Brasil-SP)⁸, ambos de 1898 dão destaque à pintura de Modesto Brocos “A Redenção de Cham” de 1895.



Modesto Brocos - A Redenção de Cham (1895)

A Redenção de Cam (1895), criada por Modesto Brocos (1852-1936), artista espanhol radicado no Brasil, é uma das pinturas mais reacionárias e preconceituosas da história brasileira. A obra sintetiza o projeto de nação do pós-abolição: o mito da democracia racial e a política de branqueamento. Cam, personagem bíblico filho de Noé, expõe a nudez de seu pai, embriagado de vinho, e por isso recebe um castigo: ele e seus descendentes são condenados a serem servos de seus irmãos ao longo dos séculos como forma de redimir seus pecados. Cam e seus descendentes são retratados como negros nas representações, e essa pintura de 1895 registra o nascimento de uma criança branca filha de uma mãe “parda” e de um pai branco. Nela, a mulher negra, mais velha, comemora esse acontecimento. O nome da obra sugere que o branqueamento da geração é uma espécie de redenção pelos pecados de Cam. A ideologia retratada na pintura serviu durante séculos como justificativa da Igreja Católica e do sistema colonial para escravizar as populações africanas, tratá-las como seres sem alma e dilacerar por completo sua humanidade⁹.

⁶.BN,<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=763659&pasta=ano%20188&pesq=%22carapinha%22&pagfis=6243> – acesso em 01/04/2025.

⁷.BN,<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=890529&pesq=%22Modesto%20Brocos%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=18731> – acesso 09/04/2025

⁸.BN,<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=823279&pesq=%22Modesto%20Brocos%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=453> – acesso 09/04/2025

⁹ Título da obra: Abolição da Redenção Técnica: Colagem Digital Data: 2023 Autores: João Pedro M. Santos, João Pedro Barranco, Lara Loeb. https://7233321.fs1.hubspotusercontent-na1.net/hubfs/7233321/Escola%20Viva/Comunicados/Comunicados/AfroBioImagens_E-book-compactado.pdf - acesso em 01/04/2025.

Voltando, também pudemos identificar o asqueroso conto *Como foi criado o preto – Uma obra de Satanaz* no século XX no “Almanach do Paraná” de 1904¹⁰ e na revista das grã-finas cariocas, “A Faceira” (RJ, abril de 1911)¹¹.

Já o curitibano “O Dia” (04-02-1927)¹² traz que: “É muito original e muito bem feita a lenda que corre na America entre os negros relativamente à sua origem”.

A revista “Careta – RJ” em 1928 contava piadinhas sobre a questão racial livremente. A história é sobre um garotinho que estava sendo preparado por sua mãe para chegada do irmãozinho. Disse o pequeno a sua mãe inglesa que havia regressado do Brasil: “Cuidado mamãe não vá você ter um filhinho preto, você veio do Brasil”¹³. O mesmo “Careta” reproduziu a nefasta historietta¹⁴ em outubro daquele ano.

Não podemos mais ser complacentes com essas situações que teimam em voltar. A declaração de que “africanos descendem de ancestral amaldiçoado” toca diretamente nas raízes do racismo estrutural, que é um fenômeno enraizado nas instituições sociais, políticas e econômicas de uma sociedade. Este tipo de racismo não é apenas sobre atitudes individuais, mas sobre sistemas que perpetuam a desigualdade racial de maneira sistêmica e histórica.

A ideia de uma “maldição” associada aos africanos como vimos, remonta a estereótipos de inferioridade que têm sido usados para justificar a escravização e a marginalização dos negros ao longo da história. Essa ideia de “maldição” foi amplamente difundida, e com ela a justificativa perversa de que os negros eram “predestinados” a uma posição inferior.

Essa visão racista foi estruturada de tal forma que, ao longo dos séculos, ela se inseriu nas práticas sociais e na construção do discurso público, formando a base de uma hierarquia racial profundamente entranhada nas sociedades coloniais e pós-coloniais. *Mutatis mutandis*, em pleno século XXI, ainda há episódios semelhantes, que, hoje, requerem esclarecimentos, desfazer “mal-entendidos” e equívocos de assessores, como no exemplo a seguir: Deputado federal diz no (então) Twitter que “africanos descendem de ancestral amaldiçoado”.

O deputado federal Marco Feliciano (PSC-SP) afirmou nessa quarta-feira (30), em sua página no Twitter, que os africanos são descendentes de um “ancestral amaldiçoado por Noé” e que sobre a África repousam maldições como o paganismo, misérias, doenças e a fome.

“Africanos descendem de ancestral amaldiçoado por Noé. Isso é fato. O motivo da maldição é polêmica. Não sejam irresponsáveis twitters rsss”, diz a mensagem postada no perfil do deputado – após a reportagem contatar assessoria de Feliciano, a mensagem foi apagada (veja a reprodução na imagem acima).

Na sequência, Feliciano, que é pastor evangélico e empresário, afirma: “sobre o continente africano repousa a maldição do paganismo, ocultismo, misérias, doenças oriundas de lá: ebola, Aids. Fome...”

¹⁰.BN,<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=214752&pasta=ano%20190&pesq=%22carapinha%22&pagfis=2226> – acesso em 01/04/2025.

¹¹.BN,<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=347906&pasta=ano%20191&pesq=%22carapinha%22&pagfis=7> – acesso em 01/04/2025.

¹².BN,<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=092932&pasta=ano%20192&pesq=%22Preto%22&pagfis=9132> – acesso 01/04/2025.

¹³.BN,<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=083712&pasta=ano%20192&pesq=%22Preto%22&pagfis=41829> – acesso em 01/04/2025.

¹⁴.BN,<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=083712&pasta=ano%20192&pesq=%22Satanaz%22&pagfis=42886> – acesso em 01/04/2025.

Antes, o pastor evangélico disse que a maldição sobre a África supostamente provém do “1º ato de homossexualismo da história”. “Sendo possivelmente o 1o. Ato de homossexualismo da história. A maldição de Noé sobre Cam toca seus descendentes diretos, os africanos”, afirmou também.

Em entrevista por telefone, Feliciano disse que as mensagens foram publicadas por assessores, sem a sua aprovação. O parlamentar afirmou também que não considera as mensagens racistas. “Não foi racista. É uma questão teológica”, disse. “O caso do continente africano é sui generis: quase todas as seitas satânicas, de vodu, são oriundas de lá. Essas doenças, como a Aids, são todas provenientes da África”, acrescentou.

Hoje, quase 20h depois das declarações, o deputado negou ser racista também no Twitter. “Tenho raízes negras como todos os brasileiros. Bem como dos índios e também europeus! Rejeito essas calúnias infames! Aqui não, seus desalmados”, disse Feliciano¹⁵. [...]

A normalização do racismo no discurso político não é algo novo, e a declaração do deputado também exemplifica como o racismo pode ser mascarado como liberdade de expressão, especialmente quando defendido por figuras com poder político. Este tipo de fala pode passar despercebido por parte de grande parte da sociedade, em especial se a sociedade não tiver uma consciência crítica acerca da violência simbólica que esse tipo de retórica gera. Ao afirmar que africanos descenderiam de “ancestrais amaldiçoados”, o deputado não só insulta diretamente a memória histórica de um povo que sofreu séculos de opressão, como também reflete a continuidade de uma visão racista que ainda está legitimada dentro das práticas políticas que não podemos mais tolerar.

Como diz Frantz Fanon, “o preconceito de cor, é uma idiotice, uma iniquidade que deve ser erradicada” (FANON, 2020, p. 43).

Considerações Finais

Para nós, um dos méritos desta pesquisa foi o de darmos com o antigo conto da “criação do negro” como obra de Satanás. Engenhoso e sob forma de “racismo recreativo”, ele persistiu em nossa imprensa por longos quarenta anos e parece-nos emblemático de uma arraigada mentalidade racista, que persiste ainda hoje.

Evocamos o *post* de Feliciano (apesar das esfarrapadas e oportunistas desculpas – certamente motivadas por motivos eleitoreiros), estamos convencidos de que não se trata apenas de um reflexo de racismo individual, mas uma forma de consolidar e perpetuar uma ordem social e política que invisibiliza as desigualdades raciais, ao mesmo tempo em que fortalece estigmas já existentes. Quando um representante público segue perpetuando a falsa ideia de uma “maldição” divina associada aos africanos e se utiliza de tais falas sem ser punido ou amplamente criticado, isso sinaliza uma falta de compromisso real com a desconstrução do racismo institucional, permitindo que esses preconceitos sobrevivam e continuem a afetar a sociedade como um todo.

¹⁵. UOL, Guilherme Balza – Do UOL Notícias, Em São Paulo 31/03/2011 – <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2011/03/31/deputado-federal-diz-no-twitter-que-africanos-descendem-de-ancestral-amaldiçoado.htm> - acessado em 01/04/2025.

Referências Bibliográficas

FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*, São Paulo: Ed. UBU, 2020

SANTOS, Rodison R.; MEDEIROS, Alexandre. *Educação Antirracista: Fundação da Biblioteca Negra do Brasil* - p. 12 – 24. In: ARAÚJO, Thiago; R. SANTOS; Fernanda; G. SILVA, Fernanda (Org.) - ISBN 978-65-6063-038-3; DOI 10.47247/TA/6063.038.3 - Santo André: V&V Editora, 2024.

Recebido para publicação em 11-05-25; aceito em 14-06-25